

Editorial

Desde os anos 1990 a obrigatoriedade da Sociologia na educação básica ou, pelo menos, no ensino médio vem sendo discutida no meio acadêmico, nas escolas, na mídia, no Congresso, no Senado etc. Entre avanços e recuos, a obrigatoriedade das disciplinas de Filosofia e de Sociologia no ensino médio foi conquistada com a Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008. No entanto, não se pode dizer que essa obrigatoriedade esteja consolidada, pois ainda existem tentativas de retirá-la. Um exemplo dessas tentativas é o Projeto de Lei nº 6.003, do deputado Izalci Ferreira (PSDB-DF), para retirar essa obrigatoriedade.

Após cinco anos da promulgação da Lei nº 11.684, e diante das atuais tentativas de retirar a obrigatoriedade do ensino de Filosofia e de Sociologia do ensino médio, nossa revista produziu no número anterior um dossiê sobre o ensino de Filosofia. Neste número, apresenta um dossiê sobre a Sociologia no ensino médio. Nesse dossiê, pretende-se discutir o papel da Sociologia no ensino médio e apresentar algumas experiências pedagógicas do ensino dessa disciplina.

O dossiê de Sociologia se inicia com o artigo “Avanços e dificuldades na volta do ensino de Sociologia ao currículo escolar”, de Erinaldo Ferreira do Carmo. O artigo traça um breve histórico da construção, declínio e retorno da Sociologia ao currículo escolar do ensino médio. Além disso, são abordados os problemas atuais enfrentados nas escolas, como a fragilidade na abordagem dos conteúdos sociológicos, a insipiência da disciplina trabalhada em razão da reduzida carga horária e a ausência de professores com formação específica em Sociologia.

Em Goiás, a Secretaria Estadual de Educação tem promovido exames, antigamente conhecidos como exames supletivos, destinados a pessoas que se encontram fora das escolas ou estão matriculadas em cursos de educação de jovens e adultos (EJA) e desejam concluir a educação básica. Se aprovadas

em todas as provas, essas pessoas recebem certificados de conclusão do ensino fundamental, para maiores de quinze anos, e do ensino médio, para maiores de dezoito anos. O artigo de Raclene Ataíde de Faria, intitulado “A Sociologia nos exames de educação de jovens e adultos do estado de Goiás de 2008 a 2012”, discute o papel das provas daquela disciplina nessa modalidade de ensino, apresentando os índices de inscrição e de comparecimento às provas, o desempenho ou aprovação dos candidatos etc.

Nos currículos de Sociologia, os direitos humanos aparecem como um tema de suma importância. Entretanto, como ensinar esse tema de forma interessante para os alunos? O artigo “Ensino de Sociologia por meio de roda de leitura: articulações com literatura e direitos humanos”, de Kelly Cristine Correa da Silva Mota, apresenta uma proposta metodológica interdisciplinar para o ensino de direitos humanos e outros temas, por meio de rodas de leitura, buscando a integração da Literatura e da Sociologia.

A maior flexibilidade curricular trazida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais permitiu as mais diversas configurações das matrizes curriculares e das próprias disciplinas na educação básica. No entanto, a forma como as disciplinas estão inseridas na matriz curricular trazem consequências como maior visibilidade, prestígio, reconhecimento por parte dos alunos. O texto “As representações dos estudantes do Instituto Federal de Educação do Espírito Santo – *campus* Colatina acerca das disciplinas de Sociologia e de Filosofia em cursos técnicos integrados ao ensino médio”, de Renata Venturim Bernardino e Sandro Luiz Modesto, apresenta as representações sociais dos alunos sobre as disciplinas de Sociologia e de Filosofia, que, naquela instituição, são lecionadas em conjunto. Para os autores, essa articulação contribui para a invisibilidade das suas especificidades de disciplinas escolares e para figurar como “um empreendimento intelectual marginal”.

Com John Dewey a Fernando Hernández, a pedagogia de projetos tem sido debatida como uma opção para o ensino e a aprendizagem significativos e, portanto, uma metodologia valiosa para o ensino de Sociologia. O artigo “Eleições e candidatos vistos pelos alunos do ensino fundamental”, de Marcelo da Silva Araújo, relata uma experiência de pesquisa realizada, em 2008, por alunos do ensino fundamental de uma escola pública da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Nesse artigo, além

de se ressaltar a importância da aprendizagem por projetos de pesquisa como método pedagógico, também se discutem as representações dos alunos sobre as eleições, papel do prefeito etc. Segundo o autor, os resultados obtidos na pesquisa revelam “o quão distantes estão os futuros eleitores da compreensão do papel básico do governante, além de reforçar o desequilíbrio entre os poderes Executivo (visto como todo poderoso) e Legislativo, característica de nossa formação patrimonialista”. E, por fim, o artigo conclui sobre a importância da pesquisa empírica para que alunos entendam como o conhecimento é gerado no campo das ciências humanas e sociais.

Na sessão de entrevistas, o professor Danilo Rabelo, organizador deste número, entrevistou a professora Ileizi Luciana Fiorelli Silva, um nome de destaque nacional nas discussões sobre currículo, formação de professores, inclusão da Sociologia no ensino médio, metodologias de ensino para as Ciências Sociais etc. Na entrevista intitulada “O currículo e a escola são campos de luta constante”, a professora Ileizi apresenta suas ideias sobre as disputas políticas em torno do currículo e da inclusão da Sociologia no ensino médio; sobre os livros didáticos no contexto do Plano Nacional do Livro Didático; e também sobre a formação de professores.

O fluxo contínuo de artigos inicia-se neste número com o texto “A formação humana na adolescência numa perspectiva do não uso das drogas”, de Márcia Maria Rodrigues Tabosa Brandão. Nesse texto, a autora apresenta uma experiência desenvolvida nas atividades de Orientação Educacional de uma turma de ensino fundamental no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco. Tal experiência pedagógica tinha como tema “drogas na adolescência”, trabalhado na perspectiva de desenvolvimento integral. Não se trata apenas de um relato de experiência, mas de buscar as aproximações entre os pressupostos da atividade desenvolvida e a Política Nacional Sobre Drogas e discutir outros aspectos sociais da adolescência que influenciam no uso indevido de drogas.

Com base nos pressupostos de Edgar Morin, Michel Serres, Marx e outros, o artigo de Alexandre Ferraz Herbetta e Máira Soares Ferreira, intitulado “*Homo faber y homo ludens – la rima para el uso en la escuela y para la transformación de la educación básica*”, discute a contraposição entre o ensino voltado para o mercado laboral e o ensino voltado para a criatividade e cooperação. Assim, os autores apresentam dois exemplos de atividades

pedagógicas desenvolvidas na cidade de São Paulo em que a literatura de cordel foi utilizada como recurso pedagógico e artístico para promover um modelo educacional que seja criativo, lúdico e formador de um novo cidadão.

Nas discussões da educação inclusiva para pessoa com deficiência, torna-se necessário dar voz a esses sujeitos, a partir de suas impressões e histórias de vida. Com base nessa premissa, Maria Rita Vitor Martins Rodrigues e Márcia Gorette Lima da Silva, em “A história escolar à luz do seu olhar: relatos de alunos com deficiência visual”, apresentam as histórias de vida de dois jovens cegos desde a infância até o ingresso no ensino superior. Nesses relatos, são debatidos os papéis da família, da escola, dos núcleos de apoio, de colegas etc., levando ao reconhecimento da necessidade de ações partilhadas entre esses diversos sujeitos e instituições para garantir a inclusão desses jovens.

Apesar da pluralidade étnica e cultural de nosso país, da Lei nº 11.645, de 2008, as culturas indígenas ainda são pouco estudadas, conhecidas e reconhecidas no ambiente escolar. As conclusões parciais da pesquisa de Maria Geralda de Almeida Moreira, no artigo “Entre silêncios e representações: história e cultura indígena no ambiente escolar”, revelam que as representações discentes sobre as culturas indígenas pouco ou quase nada ultrapassam as noções etnocêntricas, homogeneizadoras e de assimilação. Portanto, a inserção da temática indígena ainda é um desafio a ser superado.

Quanto às políticas públicas de educação, o artigo “O financiamento da educação básica brasileira: os desafios da gestão de poucos recursos nas escolas públicas”, de Nelson Cardoso Amaral, analisa a proposta do Plano Nacional de Educação com base em cinco referenciais de qualidade: MEC, Inep, Uundime, CAQi e OCDE, defendendo a necessidade de se elevarem os recursos públicos aplicados no processo educacional para promover o aumento de sua qualidade e abrangência.

Na história recente da educação escolar brasileira, um tema que permeou o debate foi a importância do conteúdo na formação. O conteudismo foi alvo de críticas radicais, uma vez que valorizava a memorização, em detrimento da reflexão. No artigo “Metodologia e suas faces”, as autoras, Viviane Cristina Drogomirecki e Roberta Barbosa da

Silva, apresentam uma discussão “sobre a metodologia e sua importância na vida do professor”.

No final deste número, encontra-se a resenha de Evandson Paiva Ferreira sobre o livro de Viviane Mosé, *A escola e os desafios contemporâneos*, no qual, por meio de entrevistas com importantes educadores como Rubem Alves, Moacir Gadotti, Cristovam Buarque, Celso Antunes, Maria do Pilar, Madalena Freire, Tião Rocha, José Pacheco e Rui Canário, discute-se a necessidade de mudanças para que escola possa atender às demandas do mundo contemporâneo.

A resenha escrita por Joana Darc Ribeiro trata do livro *Lourenço Filho e literatura infantil e juvenil*, de Estela Natalina Mantovani Bertoletti, que é uma das publicações recentes que discutem a importância da produção literária daquele educador.

Assim, manifestam-se aqui os agradecimentos aos autores que contribuíram para a composição deste número, em especial à professora Ileizi Fiorelli, pela entrevista concedida. Aos nossos leitores, uma boa leitura. Também se reforça o convite para que possam contribuir para os próximos números, enviando seus artigos e resenhas.

Danilo Rabelo